

ANALÍTICAS DO SEXO EM LACAN: INEXISTÊNCIA DA RELAÇÃO SEXUAL E EROTISMO

COSSI¹, Rafael

Resumo

Trata-se da resenha do livro *O Outrossexo: não existe relação heterossexual*. Seu autor, Jean Allouch, considera que se pode deduzir duas analíticas do sexo em Lacan, correspondentes a duas modalidades de inexistência da relação sexual. Allouch questiona o projeto lacaniano da escrita da não-relação –segunda analítica – que recorre aos recursos da teoria do nós, a partir do que se poderia depreender três incidências da inexistência: O Outro não existe, não existe o Outro gozo, a relação sexual não existe. Em paralelo a essa proposta, o autor apresenta três figuras da não relação sexual retiradas de Foucault – do mestre com os garotos, com as mulheres e com a esposa. O livro convida à reflexão crítica sobre uma eventual contribuição da erótica inferida pelos estudos de gênero para um erotismo característico da não-relação sexual – e que seria uma forma inédita de abordar esse aforismo lacaniano.

Palavras-chave: Allouch; Psicanálise lacaniana; Não relação; Erotismo; Foucault.

1

ANALYTICS OF SEX IN LACAN: NON-EXISTENCE OF SEXUAL RELATION AND EROTISM

Abstract

*This is the review of the book *O Outrossexo: não existe relação heterossexual*. Its author, Jean Allouch, considers that it is possible to deduce two analyzes of sex in Lacan, corresponding to two modalities of the non-existence of the sexual relation. Allouch questions the Lacanian project of writing non-relation – the second analytic – which makes use to resources of the knot theory, from which one could infer three incidences of non-existence: The Other does not exist, the Other jouissance does not exist, the sexual relation does not exist. In parallel to this proposal, the author presents three figures of non sexual relation taken from Foucault – the master with the boys, with the women and with the wife. The book invites critical reflection on an eventual contribution of the erotic inferred by gender studies to an eroticism characteristic of the non-sexual relation – and which would be an unprecedented way of approaching this Lacanian aphorism.*

Keywords: Allouch; Lacanian psychoanalysis; Non-relation; Eroticism; Foucault.

ANALÍTICAS DO SEXO EM LACAN: INEXISTÊNCIA DE LA RELACIÓN SEXUAL E EROTISMO

Resumen

Esta es la reseña del libro O Outrossexo: não existe relação heterossexual. Su autor, Jean Allouch, considera que se pueden deducir dos análisis del sexo en Lacan, correspondientes a dos modalidades de la inexistencia de la relación sexual. Allouch cuestiona el proyecto lacaniano de escritura de la no-relación –la segunda analítica– que hace uso de recursos de la teoría del nudo, de la que se podrían inferir tres incidencias de la no existencia: el Otro no existe, el Otro goce no existe, la relación sexual no existe. Paralelamente a esta propuesta, el autor presenta tres figuras de no relación sexual tomadas de Foucault: el amo con los niños, con las mujeres y con la esposa. El libro invita a la reflexión crítica sobre una eventual contribución de lo erótico inferido por los estudios de género a un erotismo propio de la no-relación sexual – y que sería una forma inédita de abordar este aforismo lacaniano.

Palabras-clave: Allouch; Psicoanálisis lacaniano; No relación; Erotismo; Foucault.

Jean Allouch (1939) é formado em psicologia e filosofia e atuante psicanalista em Paris. A partir de 1962, começa a frequentar os seminários de Lacan – que foi, por sinal, seu analista. Foi membro da escola freudiana de Paris desde seu início, em 1964 até ser dissolvida, em 1980. Dirigiu por quatro anos a revista Littoral. Participou da fundação da École lacanienne de psychanalyse, em 1985 – escola da qual foi diretor de 1985 a 1989 e é membro até hoje. Oferece seminários de psicanálise no hospital Saint-Anne e, eventualmente, na América Latina. É autor de diversos livros, muitos deles publicados em português. Nosso texto é a resenha do trabalho publicado pela editora Zagodoni em 2022, intitulado “O Outrossexo: não existe relação heterossexual”.

Da sua vasta obra, “O Outrossexo” ressoa trabalhos anteriores, como “O sexo do mestre: o erotismo segundo Lacan” (Companhia de Freud, 2010), “Une femme sans au-delà. L'Ingérence divine III” (Epel, 2015) e, principalmente “O Amor Lacan” (Companhia de Freud, 2010). Em certa medida, poderíamos dizer que a experiência intelectual de Allouch nestes trabalhos consiste na elaboração coesa de um mesmo conjunto de questões – que, aliás, o autor não se presta a resolver, mas produzir novos movimentos de pensamento.

A obra que temos agora em português – “O Outrossexo” – é a compilação de dois trabalhos: “L'Autresexe” (Epel, 2015) e “Pourquoi y a-t-il de l'excitation sexuelle plutôt que rien?” (Epel, 2017). Na edição brasileira, este último trabalho corresponde ao quarto capítulo. A nosso ver, eles são indissociáveis: o primeiro livro nos parece servir como a preparação do terreno para a defesa de sua grande tese, a ser explicitada no segundo livro,

no caso: há duas analíticas do sexo em Lacan. Do sexo pensado como relação malograda ao salto de referi-lo à falta de relação.

Seus trabalhos são bastante eruditos e rigorosos teoricamente. É impressionante a profundidade da incursão que faz dos gregos – com destaque a Platão –, a Foucault e Lacan, dentre outros. Nos seria possível nessa resenha acompanhar passo a passo todo itinerário epistemológico dessa obra de fôlego. Sendo assim, optamos por apresentar uma chave de leitura, – dentre tantas outras possíveis – que entendemos ser o seu principal movimento: as duas analíticas do sexo e o resultante alargamento do alcance teórico do aforismo lacaniano “não há relação sexual”. Começaremos logo de cara apresentando tal chave de leitura para depois tratarmos mais detidamente de suas bases anteriores.

No capítulo 4, Allouch defende que tende a haver, ao longo do ensino de Lacan, uma passagem na definição do Outro: do Outro como lugar do significante – o Outro da linguagem, tesouro dos significantes – para a recolocação do lugar do Outro no corpo, Outro sexuado e inexistente, e que Allouch denomina como “Outrossexo”. E questiona: se o desejo do homem é o desejo do Outro, quando o desejo é relacionado ao objeto a, quais suas consequências para o entendimento de Outro e sua implicação ao sexo? A partir dos anos 70, em Lacan o falo se desloca da função sexual para a função fálica. Allouch considera que dessas, e de muitas outras passagens em Lacan, é possível deduzir uma nova analítica do sexo – o termo “analítica” aqui Allouch confessa importar de Foucault –, notadamente a que toma como base o aforismo “não há relação sexual”. Teríamos duas analíticas – essa distribuição entre dois, Allouch aplica a Platão e Foucault, principalmente¹. Em Platão, ela se revela entre desejo sexual e erótica metafísica; em Foucault, entre dispositivo da sexualidade e dispositivo da aliança e; em Lacan, entre analítica do objeto e analítica da relação sexual (Allouch, 2022, p. 216).

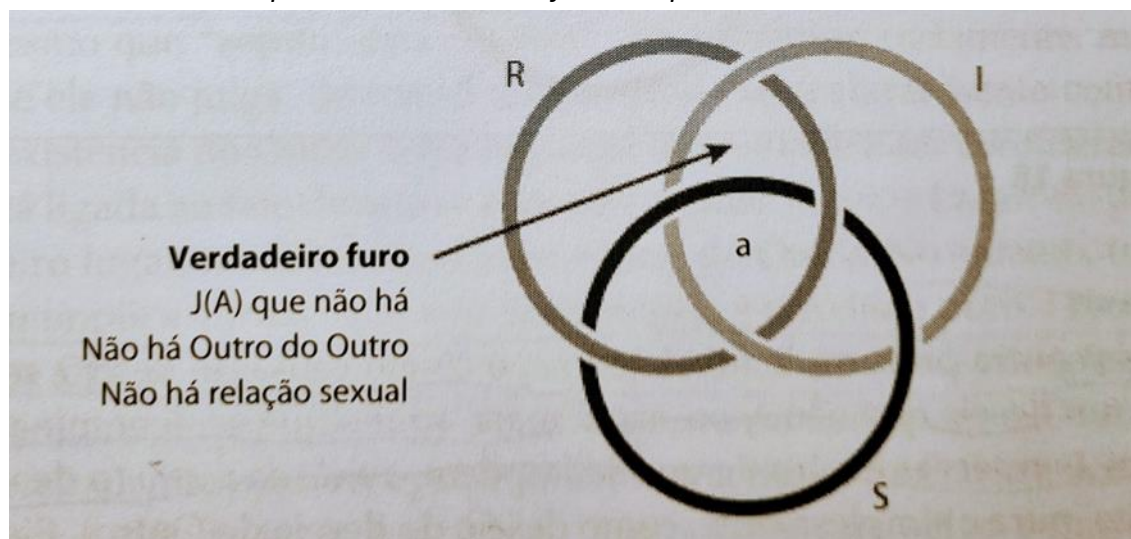
De um lado, teríamos: objeto a, Outro do desejo, lei sexual, erótica comum – primeira analítica. Do outro: não relação, Outro sexo, um campo além do falo, outra erótica – segunda analítica. Aqui, Allouch considera que o objeto a se mantém em jogo, contudo não é mais meramente reconhecido como o desejo do desejo do Outro. Agora referido ao Outrossexo, trata-se de um objeto susceptível de ser abandonado.

A não-relação, de certa forma, contemplaria três ausências: não existe o Outro do Outro; o gozo do Outro tem um regime de existência problemático e; não existe a relação sexual. Essas três maneiras de inexistir – existir como não existindo – caminham juntas. Talvez essas três verdades indomáveis, nos termos de Allouch (2022, p. 135) sejam variações de uma mesma inexistência, que giram em torno do verdadeiro furo. Neste sentido, recorrendo à teoria dos nós, Allouch (2022, p. 221) mostra que o verdadeiro furo do nó borromeano é o lugar por excelência desses três “não existe”.

¹ Allouch também cita Gayle Rubin nessa proposta de distribuição em dois, no caso, a distinção que propõe entre sexo e gênero. Se Allouch não desenvolve suas consequências, indaga como o gênero interferiria – se de fato interfere – na relação sexual lacaniana.

Figura 1

Nó borromeano em que Allouch destaca o furo em que as três inexistências coincidem



Nota. Fonte: Allouch, J. (2022), *O Outrossexo: não há relação heterossexual* (pp. 221). Zagodoni.

Seguindo Allouch, no enunciado lacaniano “O Outro não existe”, o que mais interessa é o regime dessa inexistência. A inexistência não é um dado puro e bruto – esse Outro, que não existe tem um referente, uma *Bedeutung*, nos termos de Frege. De certa forma, essa inexistência existe²; o Outro existe enquanto inexistente e a formalização lacaniana para este curto-circuito é $S(\bar{A})$. Este matema também seria uma das formas de se formalizar o Outro gozo. Mesmo raciocínio, o gozo do Outro existe? Depende, qual seria o regime de sua existência? Porque se ele existisse, existiria a relação sexual – Outro gozo e gozo fálico seriam complementares. Mas, se a relação sexual não existe, então não existe o Outro gozo? Também não – ele existe à medida que é faltante: “(...) sua alteridade [do gozo do Outro] é tal que ela não reenvia a nada de existente que o faça outro. Outro do quê? Essa questão permanece sem resposta, e isso mesmo é a resposta” (Allouch, 2022, p. 139).

Mais à frente, Allouch aponta que, muito além de uma afinidade, a inexistência do Outro do Outro e a inexistência do gozo do Outro são convergentes, versões de um mesmo enunciado a promover a excitação erótica do “falasser” – ou seja, não só o objeto ou uma zona corporal seriam fontes de excitação. Por sinal, Allouch considera que os furos do corpo, como a boca e o ânus – tradicionalmente chamados de zonas erógenas –, só adquirem valor erótico à medida que o furo do Outro os torna excitáveis. A erotização do furo inauguraria um “troumatisme”:

Localizando em um único e mesmo lugar do borromeano desenhado a inexistência do Outro do Outro (isto é, o furo do Outro) e o gozo do Outro, Lacan confirma sua

² A propósito, Allouch infere que “a inexistência do Outro só é alcançada ao final de um percurso, (...) o percurso de cada análise” (2022, p. 223-4).

corporização, a erotização desse Outro, desse furo (...). A traumatizante [troumatisante] inexistência da relação sexual aí encontra seu lugar. Assim, sua formalização ‘não existe relação sexual’, podia ela, devia ela ser acentuada como se fez ao escrever nãohá [nya] relação propriamente falando heterossexual. (Allouch, 20022, pp. 142-3)

Quanto ao aforismo “não há relação sexual”, há duas maneiras de encará-lo: uma seria não haver relação por trata-se de parceiros diferentes, díspares, significantes homem e mulher desproporcionais. Outra maneira é tomar a não relação em si mesma, não-relação (nya, na grafia lacaniana). Ou seja, nesse caso, o foco de pesquisa não seria a causa do desencontro entre a alteridade e o diferente (heteros), mas a não-relação enquanto objeto por si só. É exatamente esta modalidade de não relação que Allouch introduz na segunda analítica do sexo – o que o leva a questionar retroativamente: se o sexo tem a ver com a não-relação, seria o sexual em jogo na primeira analítica de fato sexuado? Ou indo mais longe, se o sexo – nos termos da não-relação – estaria ausenta na primeira analítica, também não estaria ausenta na segunda, já que só existiria enquanto referido a um objeto negativizado? Se Allouch não indica uma resposta final, o que nos parece mais importante é o desfecho que oferece em outro contexto:

O Outrossexo torna secundário as distinções entre o normal e o patológico, do masculino e do feminino, do homossexual e do heterossexual, ou qualquer coisa dessa mesma ordem. Em contrapartida, a analítica do objeto é essa da diversidade sexual. Tal como um leque, essa diversidade desdobra as múltiplas maneiras pelas quais cada um configura seu “fazer com”, ou seu caso com o Outrossexo – dito de outra maneira, com a inexistência do Outrossexo, as do gozo do Outro e da relação sexual (Allouch, 2022, p. 255-256)

5

Ou seja, Allouch, ao descrever essa segunda analítica do sexo em Lacan, não está se referindo a gênero, prática sexual ou escolha de objeto, mas a algo universal, ao qual todos estaríamos submetidos e que, ao mesmo tempo, permite a liberdade e promove a diversidade. A incontornável analítica da não-relação não se fia ao afã diagnóstico, nos desvia do ideal de complementariedade entre os sexos, se furta duma analítica objetual abarcada pelas normas sociais. O que é uma maneira de ler o “não há relação heterossexual” de Allouch: o sexo não se curva à heteronormatividade – nos termos de Judith Butler –, nem é governado pelo regime político ditado pela straight mind, nos de Monique Wittig. Talvez haja um “heterótica” (hétérothique), neologismo que constrói a partir de hetero (outro, diferente), ética e erótica, ao indagar o Outrossexo.

De toda forma, Allouch não desconsidera que os estudos de gênero poderiam dialogar com a tese que apresenta aqui – diálogo ainda a ser feito. As três formas de inexistência indicadas, se pensadas com Gayle Rubin e a questão da diversidade sexual, poderiam abrir um novo campo de pesquisa, um segundo canteiro de obras:

Um segundo canteiro permanece atualmente quase virgem ou, mais exatamente, recém-inaugurado durante e colóquio consagrado à obra de Gayle Rubin, que trouxe a questão da diversidade sexual. Trata-se dos diferentes caminhos eróticos através dos quais se alcança esse ponto sem nenhum além, essa praia onde se cruzam a inexistência do Outro, a do gozo do Outro e a da não relação sexual (p. 143).

Allouch conjectura se tais inexistências poderiam ser acessadas via erotismo. E esse é outro ponto crucial do trabalho do Allouch, questionar se haveria uma erótica própria à essa segunda analítica do sexo, uma excitação erótica inaugurada pela não-relação. A falta intrínseca à não-relação continuaria promovendo parcerias, mas com um parceiro faltante.

Assim como haveria em Platão duas modalidades da erótica – erótica sexual, que depende da eleição de um objeto, e erótica metafísica, em que o objeto (belo) é abandonado –, certo dualismo também se apresentaria em Lacan, guardadas as diferenças entre os modelos. Também para Lacan, a atração que o objeto exerce não se deve aos traços que detém, mas provém de outro lugar, no caso, do inexistente Outrossexo. Com Allouch, principia-se uma outra excitação, não aquela referente à pulsão, ao fantasma, ao desejo e ao falo – que poderíamos considerar estar em jogo na erótica condizente à primeira analítica do sexo –, mas outra, reportada às três inexistências, e que toma a não-relação como motor, esse “furo vulcânico que intensifica a excitação cada vez mais à medida que nos aproximamos dele” (Allouch, p. 231) – excitação essa que pode ser dar no plano sexual, intelectual ou da estética. Nova erótica ou abismo na erótica? Allouch pergunta – sem esboçar uma resposta – se assim evocaríamos uma mística próxima a São João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila.

É como se para Allouch novas questões referentes à erótica platônica pudessem favorecer a atualização da erótica em Lacan. Restringir a pesquisa da não-relação ao campo da dialética e da lógica-matemática deixa de fora outras categorias, como o erotismo. Concordamos com Allouch. A nosso ver, o livro “O que é sexo?” de Alenka Zupančič, recentemente publicado no Brasil, traz elaborações indispensáveis a qualquer leitor interessado no assunto, dedicando-se fortemente à pesquisa do estatuto ontológico da não-relação, no caso, de uma ontologia negativa. Allouch complementa esse panorama e nos oferece uma outra lente a examinar esse termo.

Se Allouch se refere por “instanciação” o que liga os dois registros da erótica em Platão – sexual e metafísica –, “encarpação” é o termo que atribui à operação que conecta as duas analíticas lacanianas. Encarpação diz respeito a certa modalidade de ocupação de um lugar – como se de início o objeto, enquanto alteridade, ocupasse o lugar do Outro e depois, desvanecimento. O objeto é perdido; abre-se espaço para se considerar que se trata de um lugar, o que por sua vez, é condição para o desvanecimento do objeto – e essa perda é contemporânea do Outro como inexistente. Se em Platão, segundo Allouch, entre esses dois registros haveria um deslocamento, uma mudança de instanciação da erótica, dando

acesso a uma erótica transcendental, quando o objeto se esvanece, há uma supressão: a encarnação é liquidada e o sujeito terá de se haver com o Outrossexo enquanto lugar vazio: troumatisante. Se em Platão haveria realização, em Lacan, impasse.

Passemos agora a descrever alguns dos principais pontos dos capítulos iniciais.

No capítulo 1, há toda uma retomada do que Allouch considera ser as preliminares à não relação sexual, passando por Freud, Lou Andreas-Salomé e Melaine Klein. Allouch acredita que Klein teria fornecido a Lacan um novo catálogo de objetos primordiais – seio, fezes, boca etc. Se equivalentes em termos pulsionais, não haveria convergência entre eles. Uma suposta pulsão genital totalizante é um mito, o que nos leva a presumir uma versão da inexistência da relação sexual já em Freud. Daí Allouch afirmar que, desde sempre em psicanálise, “há uma relação com o sexo, dado que o sexo está em toda parte onde não deveria estar” (Allouch, 2022, p. 14)

Se, dentre os objetos pulsionais, o falo faz parte daquela lista, ele também é alçado por Lacan ao status de significante por excelência do desejo do Outro. E na sequência de seu trabalho, Allouch apresenta um minucioso percurso que põem em relevo um movimento de balança fundamental na teoria lacaniana, que vai do falo ao objeto a.

No capítulo 2, Allouch destaca a importância da noção de alteridade em Lacan tanto para entendimento do Outro, quanto para o de objeto. Destaca a posição que o sujeito, na fantasia, assume enquanto objeto. Se para o homem, o objeto a viria no lugar do parceiro em falta, a mulher poderia assumir esse lugar de objeto a ao mesmo tempo em que tenderia a super investir o homem no lugar do falo – por sinal, nada mais cômico que o homem que se crê dedutível como tal ao compor uma parada viril, reduzido à identificação com o todo-poderoso. Contudo, Allouch defende que não poderíamos aceitar o estatuto dessa alteridade, levando em conta a precariedade da solução que implica, a de fantasias complementares – afinal de contas, não há relação sexual. Segundo Allouch, a maneira de se apreender o Outro em Lacan mudou, não mais um agente, mas uma superfície – e enquanto tal, ela é furada. E esse implacável furo do Outro – que exige uma topologia em sua formalização – é insígnia da não-relação.

Uma coisa é pensar a relação homem/mulher. Outra é a relação entre homem e mulher³. Allouch enxerga a primeira situação como alicerce da teoria da sexualidade em Lacan (seminários 18 a 21). “Digamos heterossexual por definição aquele que ama as mulheres, qualquer que seja o seu próprio sexo” (Lacan, citado por Allouch, 2022, p. 66). Pode-se inferir dessa afirmação que o sujeito é hetero na medida em que se volta amorosamente ao outro/diferente, e esse Outro é figurado como “mulher”. Esse outro é o Outro sexo, mas

³ Vamos seguir aqui a nomenclatura adotada por Allouch e manteremos os termos homem e mulher, levando em conta algumas condições: trata-se de significantes; não estamos no campo do gênero ou de práticas sexuais; esses termos dizem respeito a duas posições assumidas com relação ao falo, posições estas que correspondem a duas modalidades de gozo, gozo fálico e Outro gozo – modalidades estas que não servem de elementos identificatórios diferenciais entre tais posições. Portanto, estamos longe da série homem-macho-x, por um lado, e mulher-fêmea-y, por outro – “não há nada de mais vago do que o pertencimento a um desses dois lados” (Lacan, citado por Allouch, 2022, p. 89)

curioso: esse outro sexo está ausente para todos os sujeitos, já que seres de linguagem. Consequentemente, o Outro sexo também é ausente para os seres do sexo, ou do gênero, feminino – daí a expressão de Allouch, não há relação heterossexual.

A mulher é não-toda fálica – fálica, sim, mas não de todo. A mulher tem relação com $S(A)$, o que implica que ela se duplique: se pode se fazer de objeto a , mantém uma relação como em curto-circuito com a inexistência do Outro. Falta um significante no Outro, e existe o significante da falta de significante sem, contudo, que este significante da falta tampona a falta do Outro – esse imbróglio corresponde a uma modalidade de gozo, Outro gozo, que ela pode acessar. Ao passo que não é excluído dela o acesso ao gozo fálico – este ao qual o homem é reduzido.

Ponto importante: contra intuitivamente, é o falo que serve de obstáculo à relação; ele não é um terceiro termo, um significante conectivo entre homem e mulher, tal como se poderia escrever $x\phi y$. Na verdade, o falo, enquanto letra, serve como elemento a partir do qual essas entidades são definidas. O homem é aquele que é totalmente fálico – como tal, não tem como prescindir dele e alcançar outra experiência de gozo. Com Lacan, o todo-fálico impõe uma restrição – o homem não pode gozar de fato do corpo duma mulher. Indo mais longe, o falo divide o homem entre o particular (ao menos um x não se submete à função fálica) e o universal (todo x se submete à função fálica), o que faz dele uma entidade inconsistente. Ou seja, se há falocentrismo na teoria lacaniana – o que contestamos, haja vista a importância concebida ao campo não coberto pelo falo –, ser totalmente fálico não é um privilégio.

8

Há dois lados nas fórmulas da sexualização – homem e mulher são pensados como categorias compostas por instrumentos da lógica e da matemática e a relação sexual falha de duas maneiras distintas. É isso o que Lacan quer formalizar com suas fórmulas: se a relação sexual não pode ser escrita⁴, com o discurso analítico, a proposta seria escrever a inexistência da relação – o discurso analítico permitiria a escrita dessa impossibilidade. Allouch considera que desse contexto decorre uma outra maneira de se conceber a negatividade: de não há ($n'y a$), para não há (nya), sustentada por outra lógica que não a clássica.

Enfoquemos agora a segunda modalidade de irrealizar a relação – a não-relação enquanto tal. Como já indicamos, caberia ao discurso analítico a escrita da impossibilidade de escrevê-la. Onde buscar os recursos para essa missão? A tese que Allouch defende é que Lacan recorreu à teoria dos nós para essa empreitada, ao instrumento borromeano⁵, notadamente a partir de 1975. Usualmente, a não relação é discutida no contexto da teoria da sexualização e o que suas tábuas – tal como apresentada no seminário 20 – nos oferecem.

⁴ A não ser que entremos no campo da biologia, por exemplo, em que a relação macho-fêmea pode ser escrita através da aplicação $a \rightarrow b$, aplicação evidente na determinação heterossexual que sustenta o modelo da reprodução das espécies. Contudo, esta relação não corresponde ao *sexual* em psicanálise.

⁵ Rapidamente falando, no nó borromeano se enlaçam, como três aros ou elos, os registros real, simbólico e imaginário. Há a seguinte propriedade: se um deles é rompido, os outros dois também se desenlaçam e o nó se desfaz.

Allouch, seguindo Lacan muito de perto, ilumina esse outro aspecto, pouco assumido por seus comentadores: a não-relação sexual também deve ser prescrutada através dos nós. Deriva desse momento abordar homem e mulher a partir do saber – haveria um saber masculino e outro feminino? Para homem, conjugar-se-ia, não sem ambiguidade, ser e saber; para a mulher, ser e fazer. Outra “sugestão” lacaniana, mas sem grandes aprofundamentos epistemológicos em sua obra.

Allouch aponta que a inexistência (da relação sexual) é uma existência que vale como furo – um furo que não se deixa preencher. E se Lacan “pôde chegar a ‘constituir o verdadeiro nó borromeano’, é agora desse verdadeiro nó que ele pode partir e situar o furo da não relação sexual nesse próprio nó” (Allouch, 2022, p. 104-105). Contudo, Allouch considera que esse projeto de escrita borromeana da não-relação foi malsucedido. Primeiro porque não há passagem possível do dois para o três – mais precisamente, não foi possível demonstrar que o dois (homem, mulher) pudesse ser engendrado a partir do três (real-existência, simbólico-furo, imaginário-consistência). Segundo porque não teria sido possível atribuir aos três círculos valores diferentes, RSI e sexos, ao mesmo tempo. Talvez faça mais sentido manter a escrita borromeana aos meandros da incursão de Lacan por Joyce e a função que seu ego-escritor teve enquanto sinthoma. Mas permanece a questão: o projeto da escrita borromeana da não-relação deve ser abandonado? Senão, em nome do quê prosseguir com ele?

9

No capítulo 3, finalmente Michel Foucault. “Jean Allouch é certamente o maior foucaultiano dos lacanianos” (p. 7) – assim Christian Dunker inicia o prefácio deste livro.

Allouch se volta aos últimos trabalhos de Foucault – notadamente aos volumes da “História da sexualidade” – ao se propor detectar figuras da não relação sexual na Antiguidade. Crucial desde já precisar que não se trata da mesma palavra “relação”. Quando Lacan a empregava no contexto priorizado por Allouch, o termo é *rapport*, que provém da matemática e indica proporção. Não é este o significado de relação que Allouch enxerga em Foucault. Entram em cena tópicos como lei, proibição, código, erotismo, técnicas e cuidados de si. Ou seja, Allouch se propõe, através de Foucault, verter-se à não relação sexual em outro registro – talvez possamos dizer, histórico ou mesmo fenomenológico. Nesse caso, privilegia-se a relação que o mestre ou senhor estabelecia com os garotos, as mulheres e a esposa. Temos três objetos eróticos, então.

O mestre deve ter domínio sobre o seu prazer. Não importa a prática ou o objeto sexual eleitos – o inaceitável é que o mestre vacile e se deixe levar pela demasia de prazer; o prazer deve ser comedido e controlável. Para tanto, uma técnica de si é recrutada. Só há um sujeito, o que comanda a cena. O parceiro não é um sujeito (nos termos foucaultianos), mas um objeto: alteridade indispensável cujo lugar “se apresenta como um lugar do Outro, hétéros” (Allouch, 2022, p. 177).

Allouch propõe um paralelo entre Lacan e Foucault. Associa-se a falta de gerência sobre o objeto a furos do Outro, em termos lacanianos. Os obstáculos à relação erótica em Foucault – no que compete a relação aos garotos, às mulheres e à esposa – são convocados,

por Allouch, a serem pensados ao lado das três inexistências lacanianas – do Outro, do gozo e da relação.

O escravo e as mulheres são objetos; o garoto, por sua vez, se presta a ser objeto. É um objeto enquanto é um garoto, mas pode ser um mestre no futuro, o que estabelece uma peculiaridade nessa relação. O mestre já foi um garoto e já esteve nessa posição erótica, e entra em relação com alguém que é um mestre em potencial – e que sabe disso. O garoto se faz de objeto e nele habita um advir sujeito. Em certa medida, portanto, fazer-se de objeto seria condição ao tornar-se sujeito. O garoto provoca a excitação do mestre pelo objeto que contém, contudo: “o garoto está tanto mais excluído dela [da relação] como sujeito (em potencial) quanto é a partir de sua posição de sujeito (em potencial) que ofereceu ao mestre, com seu corpo, esse objeto que ele não é” (Allouch, 2022, p. 182). O garoto, enquanto alteridade furada, instaura uma lacuna: “(...) o mestre, em sua atividade sexual, tem de se haver, em relação ao garoto, com uma alteridade furada pela própria lacuna que o garoto instaura sem se recusar, embora não se entregando” (Allouch, 2022, p. 182). Essa lacuna seria o atestado da não relação entre mestre e garoto.

As mulheres, além de oferecerem o prazer que os garotos proporcionariam, podem mais. Esse mais deriva justamente da natureza do prazer que ela pode obter – um prazer excessivo. Ou seja, o que atestaria a especificidade da não relação aqui seria justamente a exorbitância de prazer imputado à mulher enquanto objeto – “(...) dado que se trata de um insondável abismo, é o que faz presente o furo na alteridade” (Allouch, 2022, p.189). Assim, para Allouch, o excesso de prazer da mulher – essa natureza – manifesta que o Outro é furado; estabelece a não relação com a temperança do mestre e sua capacidade de administrar seu prazer moderado.

Ora, não é difícil percebermos que esse objeto mulher pode representar um perigo à posição do mestre – ele pode se deixar levar e perder o controle sobre seu prazer. Então, há de se afastar essa eventualidade, mas sem renunciar ao objeto erótico. Para tanto, inventa-se um novo tipo de mulher, a esposa, correspondente a uma nova erótica. A atividade sexual passa a ser reservada ao casamento, uma espécie de setor isolado da sociedade. Agora, esposa e esposo se reduzem à porção mínima de prazer; o casal tende à unidade. O esposo é um mestre capaz de dominar-se ao mesmo tempo que é dominado, na medida em que deve se curvar à imposição social de ser como uma guia para sua esposa, um modelo de contenção sexual (e não ceder ao adultério ou à cópula com uma escrava, por exemplo). Allouch afirma que nasce nesse momento a ideia de um ato sexual deslocado do prazer. Nas suas palavras, “se se pode admitir que se instaura uma relação com seu esposo (...), é com a quase erradicação do prazer em sua atividade sexual (...). O furo no Outro, então, não está mais bodejado pelo objeto; ele é aquele que cava ali a tentativa conjunta (é o caso de dizê-lo) de evacuar o prazer daí” (Allouch, 2022, p. 195). O furo corresponde ao trabalho do casal de fundar uma erótica sem prazer.

Por fim, gostaríamos trazer uma última citação de Allouch, que indica um vasto e promissor campo ainda a ser explorado na interlocução entre psicanálise e estudos de gênero:

Há algumas dezenas de anos, a análise não tem exclusividade (se é que alguma vez a teve, sendo que nunca teve) do estudo a respeito da incidência de eros para cada um, no Ocidente. Um novo campo surgiu, aquele dos estudos gays e lésbicos, referindo-se aqui apenas ao seu primeiro nome. Se a partir daí novas questões são suscitadas para a análise, aos quais estamos longe ainda de ter visitado, é agora que poderemos talvez nos instruir sobre a maneira pela qual foi problematizada a relação ou não relação sexual nessa nova abordagem de eros (Allouch, p. 32).

Se se pode inferir, seguindo Allouch em seu caráter provocativo, um erotismo respectivo à não-relação sexual, em que medida uma erótica depurada dos estudos gays e lésbicos poderiam colaborar com a psicanálise?

REFERÊNCIAS

Allouch, J. (2022). *O Outrossexo: não há relação heterossexual*. Zagodoni.

Zupančič, A. (2023). *O que é sexo?* Autêntica.

Recebido em: 17/08/2022

Reapresentado em: 07/11/2023

Aprovado em: 07/11/2023

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2000), títulos de especialista (2003), mestre (2010) e doutor (2017) pelo Departamento de Psicologia Clínica - USP. Atualmente, é pós-doutorando (IPUSP), pesquisador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP-USP), membro do ambulatório Generidades (AGE) e professor do Instituto Gerar de Psicanálise. E-mail: rkcossi@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5659-4659>